

CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA ESCOLA

Orsati FT. Acomodações, modificações e práticas efetivas para a sala de aula inclusiva. *Temas sobre Desenvolvimento* 2013; 19(107):213-22.

acomodações, modificações e práticas efetivas para a sala de aula inclusiva

fernanda t. orsati

Doutora em Educação Especial pela Universidade de Syracuse, Nova York, EUA.

Programa de Educação Especial, Departamento de Ensino e Liderança, Faculdade de Educação, Universidade de Syracuse, Nova York, EUA.

CORRESPONDÊNCIA

Fernanda T. Orsati
fatorsati@syr.edu.

RESUMO

ACOMODAÇÕES, MODIFICAÇÕES E PRÁTICAS EFETIVAS PARA A SALA DE AULA INCLUSIVA: Apesar de a educação inclusiva ser uma realidade na educação brasileira, diversas pesquisas demonstram que a inclusão escolar no Brasil ainda não é amplamente implementada ou eficiente. Isso se deve ao fato de não haver recursos materiais nem recursos humanos suficientes e especializados para que as possibilidades educacionais propostas na legislação em vigor sejam implementadas. Professores articulam sobre a necessidade de trabalhar com especialistas que possam contribuir com as práticas inclusivas dentro de sala de aula. O objetivo do presente artigo é, com a descrição de acomodações, modificações e práticas eficazes, proporcionar recursos e ideias eficazes para educadores, profissionais e familiares envolvidos na educação de crianças com deficiência. Em linhas gerais, adaptações e modificações baseadas nas necessidades e nos estilos de aprendizado dos alunos: instrução, currículo, conteúdo e avaliação; apoio dos pares; colaboração profissional produtiva; a criação de uma comunidade inclusiva, com a participação de toda a escola, incluindo diretores, funcionários e coordenadores. Esses são os pilares que promovem uma educação eficaz para todos os alunos, inclusive para os alunos com deficiência. Ao final, o presente artigo oferece um inventário que proporciona suporte para que o educador ou familiar fiquem conscientes e sejam instrumentalizados com as possíveis práticas a serem estabelecidas numa sala de aula inclusiva.

Descritores: Crianças com deficiência, Inclusão escolar, Ensino fundamental, Ensino médio, Educação especial.

ABSTRACT

ACCOMMODATIONS, MODIFICATIONS, AND EFFECTIVE PRACTICES FOR THE INCLUSIVE CLASSROOM: Despite being a reality in Brazilian schools, inclusive education is not yet largely used or efficient. This is due to the fact that schools still lack resources and personnel to provide the education foreseen by the law. Teachers speak on the need of working with other professionals in order to establish inclusive practices in their classrooms. This article's goal is to describe accommodations, modifications and effective practices as to provide resources and ideas to educators, other professionals and family members involved in the education of students with disabilities. Overall, the adaptations and modifications based on: instruction, curriculum, content areas, assessment, as well as peer support, professional collaboration, and school community, are the pillars for efficient inclusive education. In the end of the paper we offer a checklist to support educators and family members to be aware and possibly implement the possible practices to be established in an inclusive classroom.

Keywords: Disabled children, Inclusion, Basic education, Secondary education, Special education.

Contexto atual da educação inclusiva

A inclusão escolar é uma realidade no Brasil. A Resolução CNE/CEB 2/2001 garante a formação básica de todo cidadão brasileiro. Essa resolução nacional está alinhada à Declaração de Salamanca, da qual o Brasil é signatário, resultante da Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais, que ressalta a necessidade e a urgência de uma educação para pessoas com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino, garantindo tanto o acesso quanto a qualidade de educação a

essas pessoas. Apesar de ser uma realidade em termos legais, como, de fato, a inclusão escolar está sendo realizada na prática das escolas brasileiras?

Diversas pesquisas demonstram que a inclusão escolar no Brasil ainda não é eficiente, pois não há recursos materiais nem recursos humanos suficientes e especializados para que as propostas educacionais da legislação em vigor sejam implementadas¹⁻⁵. Um estudo sobre implementação da educação inclusiva no nível básico explica que a maioria dos profissionais se mostrou sem preparo e sem conhecimento para lidar com a diversidade dentro da

sala de aula⁶. Os autores demonstram que recursos e metodologias não estão sendo desenvolvidos nas escolas para que essa diversidade seja bem vinda. E concluem que, de maneira geral, as práticas de inclusão escolar ainda são restritas e não favorecem uma educação inclusiva de qualidade.

Dentre todas as medidas necessárias para implantação de uma educação inclusiva, a capacitação de professores e profissionais envolvidos é um dos fatores essenciais^{7,8}. Na inclusão escolar, torna-se necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento de ações e programas. Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas^{1,9}.

Pesquisa realizada no interior de São Paulo, Mogi das Cruzes, descreveu a atitude de 68 docentes de salas regulares frente à possível inclusão de um aluno com paralisia cerebral em suas salas de aula. Dentre os principais resultados do estudo, 37,5% dos professores apontaram sua formação deficitária como um aspecto desfavorável à inclusão². Os autores discutem que a falta de preparo profissional dos docentes e a ausência de suporte advindo dos órgãos competentes são fatos que interferem na eficácia do processo de inclusão. Outro estudo identificou aspectos que dificultavam a inclusão e a inserção de alunos surdos no ensino regular. Para tanto, Guarinello et al.⁸ entrevistaram 36 professores do ensino regular de diversos municípios do Paraná. Dos entrevistados, 52,7% também apontaram a falta de capacitação e de preparo dos professores como um dos aspectos de maior impacto no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, incluindo, como falha essencial, a falta de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelo professor. A análise realizada pelos autores mostra, assim como na pesquisa anterior, uma relação entre os professores não se sentirem preparados e a dificuldade em oferecer uma educação inclusiva de qualidade.

Seguindo a mesma análise, outro trabalho realizado no interior de São Paulo, com dez professores e seis gestores atuantes em escolas regulares, avaliou como tais profissionais entendiam a inclusão escolar, assim como as dificuldades e necessidades existentes para que a inclusão ocorresse¹. Os resultados mostraram que os professores estão cientes de que não estão preparados para esse tipo de processo e de que não têm aprendido práticas para a aplicação da inclusão. Os entrevistados destacaram a necessidade de trabalhar com especialistas que possam contribuir com as práticas inclusivas dentro de sala de aula. Leonardo et al.⁶ alertam que a falta de eficácia na prática inclusiva negligencia “os direitos dos alunos com deficiência à aprendizagem, ao desenvolvimento e à participação efetiva na sociedade”.

O que fazer diante desse cenário educacional? Baseado nesse contexto de inclusão no Brasil, o objetivo do presente trabalho é descrever e articular a literatura internacional sobre acomodações, modificações e práticas eficazes na inclusão de alunos com deficiência em escolas e salas regulares. A intenção deste artigo é proporcionar recursos e ideias eficazes para educadores, profissionais envolvidos na educação de crianças com deficiência e familiares. A autora reconhece as diferenças culturais e sociais entre a realidade do Brasil e a de outros países, por esse motivo somente estão apresentadas, aqui, ideias adaptadas e relevantes para a educação brasileira.

Práticas eficazes em educação inclusiva

A diversidade existe entre todos os alunos e está presente em toda sala de aula regular, e inclui diferentes experiências familiares, diferenças de ritmos de aprendizado, de estilos e de interesses¹⁰. Adicionalmente, “em uma sociedade em mutação, complexa, e dinâmica não há mais um único, pausado e estável corpo de informação que deve ser passado ao aluno e que lhe proporcionará sucesso na vida adulta”. Nesse contexto, o aprendizado em si, o processo de aprendizado, e a proficiência em uma nova situação, assim como aonde ir para adquirir a nova informação, são objetivos mais atuais e relevantes do que um currículo predefinido e descontextualizado¹⁰.

Planejar a sala de aula para a diversidade envolve, primeiramente, aceitar a gama de habilidades, de estilos de aprendizados, de capacidades e de interesses na sala de aula. Em seguida, quando esse corpo diverso de alunos “não se encaixa no seu plano original”, os professores fazem as adaptações e começam a ponderar como reformular a instrução, daquele momento em diante, para todos os alunos¹¹. Alternativamente, o Desenho Universal para o Aprendizado (DUA) ajuda educadores a formular um currículo que atenda a todas as necessidades dos alunos desde o princípio¹². Apoio e práticas de instrução que tornam a educação especial possível incluem envolvimento de pais, disponibilização de equipes de apoio para professores e funcionários, oferecimento de instrução autêntica em diferentes níveis de dificuldade com adaptações e acomodações, DUA, construção de uma comunidade na escola e na sala de aula, planejamento do *design* do espaço, considerando as necessidades físicas, sensoriais e comunicativas dos alunos, e, finalmente, uma liderança democrática na escola¹².

Tomlinson¹³ definiu o conceito de diferenciação para a sala de aula dizendo que é uma filosofia de ensino e aprendizado em que o professor pode criar desafios para todos os alunos, proporcionando materiais e atividades em diferentes graus de dificuldade. O professor capaz de alcançar esse objetivo o faz com o uso de diferentes níveis

de questionamentos, utilizando diferentes agrupamentos de alunos e vários modos de apresentação da instrução. Em uma revisão de 1997, Switlick¹⁴ reporta que professores já eram capazes de desenvolver adaptações em sala de aula para que todos os alunos tivessem sucesso na sala de aula regular. Para ele, o fator que proporciona essa inclusão é o desenvolvimento de modificações construídas baseadas nas habilidades dos alunos. Friend et al.¹⁵ demonstram que a ideia por trás da diferenciação da instrução é que “uma variedade de estratégias para ensino e aprendizagem são demandadas atualmente para satisfazer a gama de necessidades evidentes em qualquer sala de aula”. Tomlinson¹³ acrescenta que, para isso ocorrer, os seguintes princípios são necessários: 1) alunos da mesma idade possuem diferentes estilos de aprendizado, experiências e circunstâncias de vida; 2) tais diferenças impactam interesses, estilos, ritmos e suportes para o aprendizado; 3) alunos aprendem melhor quando incentivados além do nível atual de sua produção; 4) alunos aprendem melhor quando estimulados a fazer conexões entre conteúdo e currículo, e seus interesses e experiências de vida; 5) alunos produzem melhor quando têm oportunidades naturais de aprendizado; 6) quando uma comunidade na sala de aula e na escola como um todo é criada, o aprendizado é mais efetivo; 7) o objetivo da escola é maximizar as habilidades de cada aluno. Udvari-Solner et al.¹⁶ definem que diferenciação demanda que os professores atuem no currículo, na instrução e na avaliação, mas também em elementos de relevância, significado e respeito na sala de aula, levando em consideração as necessidades, experiências e interesses dos alunos.

Giangreco¹⁷ descreve a reação de uma professora ao

incluir um aluno com necessidades significativas. A professora diz que sua habilidade em ensinar alunos com deficiência veio do princípio de que o processo de ensino e aprendizagem é o mesmo, independentemente de o aluno possuir uma deficiência identificada. Giangreco explica que, para acessar o currículo regular, alunos com necessidades complexas precisam de acomodações no programa, ou seja, nos objetivos e na produção, ou no suporte para acessar o programa, o que inclui materiais, adaptações ou suporte individualizado. “Alunos raramente necessitam de ambos, programa individualizado e suporte individualizado, o tempo todo”. Isso significa que, por exemplo, alunos com deficiência podem trabalhar na mesma atividade que os outros alunos, respondendo apenas cinco de um total de dez problemas (programa individualizado), ou podem usar uma calculadora, adquirir independência e focar no mesmo objetivo, e responder todos os dez problemas (suporte individualizado).

Todos os alunos possuem habilidades importantes; o perigo é que educadores, algumas vezes, só veem as necessidades especiais dos alunos, e não a pessoa como um todo¹². Causton-Theoharis¹⁸ descreve estratégias gerais de adaptações que promovem uma gama de opções para que o professor tenha opções que alcancem todos os alunos. Entre essas acomodações, ela cita principalmente o foco nas habilidades dos alunos. Muitos educadores e pesquisadores utilizam a teoria de inteligências múltiplas para desenvolver atividades que sejam relevantes para todos os estilos de alunos na sala de aula. A Tabela 1 define tais habilidades e demonstra exemplos para serem aplicados na sala de aula.

Tabela 1.
Tipo de habilidades, preferências e suportes oferecidos aos alunos.

Habilidades	Significa que o aluno...	Suporte oferecido
Verbal, linguística	É bom com palavras, linguagem verbal e escrita	Histórias, piadas, discursos, leituras, redações, livros, revistas, internet
Lógica, matemática	Prefere lógica, números e sequências	Labirintos, quebra-cabeças, jogos, tabelas, analogias, fórmulas, cálculos, códigos, probabilidades
Espacial	Possui habilidade de visualização, criação de imagens mentais de objetos, cenas e figuras	Mosaicos, desenhos, ilustrações, modelos, mapas, vídeos, pôsteres
Corporal	Tem conhecimento e conforto com movimentos corporais	<i>Role-play</i> , peças, expressões faciais, experimentos, passeios, esportes, dança, jogos
Musical	Possui habilidade de reconhecimento de sequência de sons, sensibilidade ao ritmo, tons	Apresentações, músicas, instrumentos, composições, melodias, raps, <i>jingles</i> , leitura em coral
Interpessoal	É atento às pessoas e ao que ocorre à sua volta, bom em relacionamentos e interações com outros	Projetos e tarefas em grupo, observação de diálogos, debates, jogos, entrevistas
Intrapessoal	É reflexivo e atento aos seus estados interiores	Diários, relatórios, meditação, autoavaliação, poesia, escrita reflexiva

Traduzido e adaptado de Causton-Theoharis¹⁹

Outras estratégias importantes para a sala de aula inclusiva incluem perguntar ao aluno o que ele necessita; manter altas expectativas para todos os alunos; quebrar atividades em partes menores e dar mais tempo para terminá-las; limitar a quantidade de informação por página; oferecer o suporte e não simplesmente dá-lo; usar uma voz suave; apresentar o conteúdo no plano concreto, dando exemplos; ensinar habilidades de organização; utilizar um *timer*; pré-ensinar; organizar suporte de pares; e utilizar movimentos durante o dia todo¹⁸.

Switlick¹⁴ descreve categorias gerais de adaptações e modificações que podem ser aplicadas em lições na sala de aula:

1) tamanho das atividades: diminua o tamanho de um texto ou limite o número de problemas;

2) tempo para fazer a atividade: aumente o tempo para desenvolver a atividade, ou divida a atividade em dois ou mais segmentos;

3) instrução da atividade: mude a forma como a informação é apresentada, usando audiolivros, *softwares*, estudo em grupos cooperativos, uso de organizadores gráficos e passo a passo para tarefas, por exemplo;

4) resposta para a atividade: modifique a forma e/ou a complexidade requerida para a resposta do aluno, como, por exemplo, resposta oral, demonstrar com explicação, digitação, desenho, ou colocar numa tabela ou gráfico;

5) dificuldade conceitual: modificar o nível de habilidade exigido, por exemplo, usando livros de alto interesse, mas com vocabulário acessível, apresentando suporte audiovisual e leitura somente para a ideia principal;

6) oferecer suporte: aumentar ou diminuir assistência, utilizar suporte de pares ou tutor, oferecer lembretes e dicas, utilizar projetos em grupo, por exemplo; e

7) ajustar expectativas: utilizando os mesmos materiais ou materiais similares, mudar o que se espera do aluno, escrever um parágrafo em vez de escrever uma página, ou nomear os personagens e contexto em vez de entender completamente a história, por exemplo.

Switlick¹⁴ diferencia adaptações e modificações / diferenciações, demonstrando que adaptações são mais proeminentes do que modificações, e que envolvem mudanças na dificuldade conceitual e no método de instrução. Por esse motivo, as adaptações consomem mais tempo do professor e raramente afetam apenas um aspecto da sala de aula, como, por exemplo: selecionar apenas um ou dois conceitos básicos de uma unidade, mudar o conteúdo, modificar a dificuldade, modificar algumas questões ou atividades e modificar a prova. Acomodações se referem à categoria geral que inclui todas acima. O DUA, por se basear no princípio de desenvolver, desde o início, aulas com as habilidades e as necessidades de todos os alunos,

abrange todas as categorias acima¹². Causton-Theoharis¹⁸ oferece, em tabelas, diferenciações e adaptações relevantes para professores de qualquer série escolar. A autora dá exemplos de atividades e suportes como alternativas ao que os alunos são normalmente solicitados a realizar (Tabela 2). Também oferece diferentes adaptações e modificações específicas para a matéria que está sendo ensinada (Tabela 3). Tais tabelas estão traduzidas e adaptadas aqui, para servirem como ideias práticas a serem implementadas em sala de aula.

Kluth et al.¹⁹ descrevem 100 maneiras de diferenciar instrução. As autoras consideram essas diferenciações em dez importantes áreas na sala de aula: organização, ambiente e estímulos sensoriais, tecnologia, comunicação e participação dos alunos, comportamento e motivação, ensino e aprendizado, leitura e escrita, matemática, habilidade de estudo e revisão, e, por fim, avaliação. Todas essas são áreas em que os professores devem manter atenção, e podem ser criativos, mantendo em mente os estilos e as habilidades dos alunos. O envolvimento ativo de alunos que têm a oportunidade de explorar, experimentar, resolver, tentar, criar, e discutir com seus pares permite que sejam capazes de desenvolver diferentes habilidades, memorizar fatos, aprender novos conteúdos, entre outros¹⁶.

Maneiras alternativas de demonstrar o aprendizado também devem ser proporcionadas aos alunos. Peterson e Hittie¹¹ explicam que os professores devem capitalizar as habilidades dos alunos e proporcionar portfólios, anotações, utilizar inventários para as habilidades a serem utilizadas na tarefa, utilizar gradações de notas com explicações para cada uma, por exemplo. Os autores também citam que uma avaliação autêntica, definida por métodos de aplicação das habilidades aprendidas e utilização dessas habilidades no contexto prático, é importante numa sala inclusiva.

O uso de tecnologia assistiva está alinhado com a flexibilidade de instrução e de avaliação na educação inclusiva. Tecnologia assistiva é todo tipo de tecnologia que aprimora o desempenho de funções que seriam difíceis sem ela¹⁸. Essa tecnologia inclui instrumentos para movimentação, alguns tipos de *softwares*, teclados, leitores de tela, computador, entre outros. Tecnologia de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) são métodos de comunicação e expressão. Na escola, tais métodos oferecem suporte para que os alunos consigam desempenhar tarefas, mesmo que possuam dificuldades com linguagem expressiva e/ou mobilidade. CAA na sala de aula pode servir a diferentes propósitos, incluindo expressão de vontades e necessidades, transferência de informação, aproximação social e convenções sociais²⁰. CAA também é descrita como possuindo o objetivo de aumentar habilidades de comunicação, leitura e escrita, assim como de diminuir problemas de comportamento²¹.

Tabela 2.

Habilidade requerida na sala de aula e acomodações oferecidas aos alunos.

Quando o aluno deve...	O professor pode proporcionar...
Sentar e ouvir	Estímulos visuais para o aluno acompanhar Intervalos com movimentos Um sistema de amplificador de voz Um tapete ou círculo que delimita onde o aluno deve sentar-se Um objeto que identifica de quem é a vez de falar Escolhas para onde sentar Um objeto para o aluno segurar, manipular e conseguir focar Um sinal para iniciar a falar Um livro ou material que está sendo lido em frente ao aluno para ele acompanhar Uma responsabilidade (anotar pontos sobre o texto lido, ajudar outro aluno)
Fazer uma apresentação oral	Escolher apoios necessários Cartelas com informações principais Estímulos visuais Um guia Sua voz, ou a voz de outra pessoa gravada previamente Um microfone Apresentação de PowerPoint
Fazer uma prova	Revisar as estratégias de fazer prova Revisar a informação que estará na prova Praticar a prova Maior espaçamento entre as questões Começar pelas questões fáceis Ter alguém que leia para o aluno Apresentar a prova em um computador Dar mais tempo para terminar a prova Dar as respostas oralmente Dar opção de múltipla escolha Simplificar a linguagem
Fazer atividades no livro	Usar um banco com o vocabulário exigido na atividade Direções claras e simples Instruções sublinhadas Menor número de problemas ou questões Escolha sobre o que usar para escrever
Fazer anotações	Ter o esqueleto da aula para fazer anotações nele Usar uma tabela Usar um organizador gráfico Usar as anotações do professor do dia anterior Copiar de outro aluno Usar um computador
Fazer leitura	Utilizar audiolivros Usar letras em impressão grande Utilizar marca texto Leitura em voz alta com toda a classe Dar informações anteriores ao texto Dar escolha sobre o que ler
Escrever	Contar a redação / história antes de escrevê-la Discutir ideias com a classe Começar com pontos Aluno ditar a história

Traduzida e adaptada de Causton-Theoharis¹⁹.

Tabela 3.
Diferentes matérias escolares e acomodações relevantes às matérias específicas.

Em...	Considere as seguintes acomodações...
Língua Portuguesa	Ouvir audiolivros Ler com um colega Seguir o texto com uma régua ou janelinha para a linha Ler em um computador com fones de ouvido Trabalhar com um colega e fazer o amigo sintetizar o conteúdo do texto Ler com letra de fonte aumentada Reescrever histórias em uma linguagem mais simples Usar livros com textos repetitivos
Matemática	Usar calculadora Usar matemática pelo toque (cada algarismo tem o número de pontinhos do próprio algarismo) Linhas de número Tabelas de centenas Cartões Manipulativos Problemas com aplicações reais Problemas com figuras
Ciência (Química e Física)	Experiências Demonstração do professor Postar os passos a serem seguidos na lousa Utilizar figuras Simplificar matéria Escolher três pontos principais da lição Dividir a sala em grupos e ter alunos com habilidades diferentes em cada grupo
Estudos sociais (História e Geografia)	Relacionar o conteúdo com a vida do aluno Usar caneta marca texto para os pontos principais Usar mapas, computador e DVDs / vídeos Utilizar revistas, jornais, <i>websites</i> Fazer atividades em grupos de habilidades heterogêneas Utilizar peças, apresentações e maneiras diferentes de mostrar aprendizado

Traduzida e revisada de Causton-Theoharis¹⁹

Para alguns alunos terem acesso a uma educação inclusiva, o suporte individual de uma assistente pode ser ideal, ou seja, um adulto promove apoio e suporte para as atividades em uma sala regular^{17,18}. Para promover otimização do aprendizado em sala regular, uma assistente pode oferecer apoio físico para finalização de atividades e lembretes de manter foco e atenção, modelar comportamento e relações sociais, promover ideias e dicas para as atividades e para a organização, e dar suporte para o comportamento, por exemplo¹⁸.

Além do assistente, outros profissionais também podem fazer parte e colaborar para a equipe que dá suporte à educação inclusiva da criança com deficiência. A equipe pode incluir fonoaudiólogo, médico, psicólogo, terapeuta ocupacional, os pais, diretor da escola, coordenador, entre outros. É necessário que uma colaboração eficaz seja desenvolvida nas escolas com o objetivo de trocar ideias sobre o aluno e sobre práticas e estratégias para o aluno

atingir seu potencial máximo em todos os ambientes¹⁵. Esse modelo de colaboração pode ser utilizado com consultas, comunicação entre professores de diferentes matérias para a coleta de informações específicas de casa, por exemplo, e resolução de problemas na sala de aula ou na escola²².

O planejamento do currículo para o aluno com deficiência também pode ser diferenciado, e essa equipe multidisciplinar deve tomar a decisão em conjunto sobre questões como: O aluno consegue participar nessa lição da mesma maneira que os outros alunos? Que tipo de suporte e acomodações o aluno necessita? Que expectativas podem ser modificadas para participação completa do aluno nessa lição?²³

Giangreco¹⁷ descreve dois tipos de adaptação para o conteúdo para estudantes com necessidades significativas: currículo multinivelado e currículo sobreposto. Ambos os tipos envolvem o planejamento para um grupo de habi-

lidades diversas, mas com alunos da mesma idade cronológica. No currículo multinivelado, todos os objetivos e respostas são dentro da mesma área, somente com níveis diferentes de complexidade. Já no currículo sobreposto, os objetivos das lições são diferentes para diferentes alunos, dependendo das habilidades, das dificuldades e do objetivo individual do aluno. Diversos autores descrevem a importância de um currículo relevante para a realidade do aluno, para sua participação na comunidade e na sociedade, e para que analise os aspectos de sua sociedade criticamente²⁴⁻²⁶. Segundo Peterson²⁵, o desempenho do aluno melhora quando o conteúdo e a aula envolvem altos níveis de questionamento, profundidade de conhecimento, conexão com o mundo ao redor do aluno e apoio social para o aprendizado. Outros autores descrevem como a vida do aluno fora da escola é relevante para o aprendizado na sala de aula^{27,28}. Os alunos precisam de conexões da vida diária e da história do aluno na escola, na sala de aula, assim como colaboração, discussão e experiências interessantes para que o aprendizado seja significativo.

A diretoria também é parte essencial na eficácia de uma escola inclusiva. Theoharis²⁹ explica que o diretor escolar deve objetivar alto desempenho de todos os alunos, desenvolvendo um currículo significativo, treinamento para os profissionais e promovendo um clima de pertencimento e inclusão na escola.

Problemas de comportamento podem ser observados em todas as salas de aula, assim como na sala de educação inclusiva. “Todo comportamento comunica algo”¹⁸. Educadores deveriam perguntar o que o aluno está tentando comunicar com esse comportamento, observar e aprender com a situação em que o comportamento está ocorrendo. O professor deve, em geral, atribuir motivação positiva ao aluno, não levar seu comportamento para o campo pessoal e não atribuir malícia por trás do comportamento¹⁸. Uma análise funcional do comportamento, assim como o desenvolvimento de um plano de intervenção, deve tentar entender o que está por trás do comportamento e atuar em suas causas³⁰. Frequentemente os professores, em sua tentativa de modificar o comportamento sem considerar suas causas, acabam criando mais comportamentos-problema¹². A necessidade de controlar a ordem na sala de aula pode mascarar a possibilidade de o professor ouvir e atentar para a real necessidade do aluno^{15,31}. Portanto, desenvolver uma relação com o aluno que exhibe problemas de comportamento é essencial para sua mudança e melhora na sala de aula^{31,32}. Kohn³² e, posteriormente, Causton-Theoharis¹⁸ vão mais longe e pedem para professores examinarem o contexto da sala de aula, que envolve currículo, adaptações, sentimento de comunidade inclusiva na sala de aula e sua adequação às necessidades do aluno, pois esses aspectos podem estar influenciando e criando problemas de comportamento.

Mitchell³⁰, em seu livro intitulado “O que realmente funciona em educação especial e inclusiva: usando estratégias de ensino baseadas em evidência”, resumiu 24 estratégias com eficácia comprovada em pesquisas. Ele revisou pesquisas relevantes para a área de educação especial e julgou tais estratégias baseadas em duas possibilidades: evidência boa ou preponderante, e evidência convincente ou conclusiva. Entre tais práticas, encontram-se:

- A prática de educação inclusiva, e não salas especiais;
- Utilização de grupos cooperativos;
- Tutoria e suporte de colegas;
- Colaboração entre professores e outros profissionais;
- Envolvimento parental;
- Clima positivo e comunitário, tanto na sala de aula quanto na escola;
- Utilização de treino em habilidades sociais;
- Ensino de habilidades de autorregulação para o aluno;
- Revisão e prática da matéria ensinada;
- Utilização e ensino de consciência fonológica para alfabetização;
- Utilização de análise funcional do comportamento, para lidar com dificuldades de comportamento em sala de aula;
- Utilização de comunicação aumentativa e alternativa para alunos com comunicação verbal limitada.

O presente artigo apresentou de maneira articulada, relevante e com exemplos práticos as estratégias de ensino alinhadas com a educação inclusiva: diferenciação e adaptação, colaboração profissional, currículo, suporte individualizado, organização da sala de aula, e resposta para problemas de comportamento. Todas as práticas descritas são efetivas, amplamente estudadas, reconhecidas, e aplicadas em diversos países. Tais práticas estão alinhadas às necessidades escolares atuais pela diversidade da população de alunos²⁷, à eficácia das práticas para o ensino³⁰, à educação democrática³³ e ao entendimento do aluno com deficiência com base em estudos sobre deficiência contextualizada na sociedade atual, na escola e, finalmente, na sala de aula³⁴.

Com base em todas essas práticas descritas, apresenta-se, a seguir, um inventário para a observação de práticas inclusivas na sala de aula. Tal instrumento é uma compilação de itens de outros instrumentos, levantados a partir de literatura sobre o tema, e tem como objetivo que professores sejam ativos em proporcionar estratégias inclusivas em sua sala de aula. Ao utilizar o inventário a seguir apresentado, o educador e/ou o familiar ficarão conscientes das possibilidades de suporte que podem ser

oferecidas em sala de aula para crianças com diferenças e deficiências. O inventário foca cinco áreas: habilidades do aluno, espaço físico, necessidades sensoriais, adaptações e comportamento. Em linhas gerais, trata-se de adaptações e modificações baseadas nas necessidades e nos estilos de aprendizado dos alunos, o que inclui: instrução, currículo, conteúdo e avaliação; apoio dos pares; colaboração profissional produtiva; criação de uma comunidade inclusiva, com a participação de toda a escola, incluindo diretores, funcionários e coordenadores. Esses são os pilares que promovem uma educação eficaz para todos os alunos, inclusive para os alunos com deficiência.

Referências

1. Sant'Ana, IM. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicol Est* 2005; 10: 227-34.
2. Gomes C, Barbosa AJG. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: Atitudes de professores do ensino fundamental. *Rev Bras Ed Esp* 2006; 12:85-100.
3. Michels MH. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira. *Rev Bras Educ* 2006; 11:406-23.
4. Lacerda CBF. A inclusão de alunos surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência. *Cad CEDES* 2006; 26:163-84.
5. Silveira FF, Neves MM. Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: Concepção de pais e professores. *Psicol Teor Prát* 2006; 22:79-86.
6. Leonardo NS, Bray CT, Rossato SPM. Inclusão escolar: Um estudo acerca da implantação da proposta em escolas de ensino básico. *Rev Bras Ed Esp* 2009; 15:289-306.
7. Enumo SRF. Avaliação assistida para crianças com necessidades educacionais especiais: Um recurso auxiliar na inclusão escolar. *Rev Bras Ed Esp* 2005; 11:335-54.
8. Guarinello AC, Berberian AP, Santana AP, Massi G, Paula M. A inserção do aluno surdo no ensino regular: Visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. *Rev Bras Ed Esp* 2006; 12:317-30.
9. Leão AMC, Garcia CAA, Yoshiura EVF, Ribeiro PRM. Inclusão do aluno com dimotria cerebral ontogênica: Análise das práticas pedagógicas. *Rev Bras Ed Esp* 2006; 12:169-86.
10. Stainback S, Stainback W. Curriculum in inclusive classrooms: The background. In: Stainback S, Stainback W. *Inclusion: A guide for educators*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1996.
11. Peterson JM, Hittie MM. *Inclusive teaching: Creating effective schools for all learners*. New York: Pearson Education; 2003.
12. Rose D.H. National Center on Universal Design for Learning Guideline. National Center on Universal Design for Learning; 2103. Disponível em: <http://www.udcenter.org/aboutudl/udlguidelines>.
13. Tomlinson CA. Reconcilable Differences? Standards-based teaching and differentiation. *Educ Leadership* 2000; 58:6-11.
14. Switlick DM. Curriculum modifications and adaptations. In: Bradley DF, King-Sears ME, Tessier-Switlick DM. *Teaching students in inclusive settings: From theory to practice*. Boston: Allyn & Bacon; 1997.
15. Friend M, Bursuck W. *Including students with special needs: A practical guide for classroom teachers*. New Jersey: Pearson; 2009.
16. Udvari-Solner A, Kluth P. *Joyful learning: Active and collaborative learning in inclusive classrooms*. Thousand Oaks: Corwin Press; 2008.
17. Giangreco MF. Extending inclusive: How can students with disabilities meaningfully participate in class if they work many levels below classroom peers? *Educ Leadership* 2007; 64:34-7.
18. Causton-Theoharis J. The golden rule of providing support in inclusive classrooms: Support others as you would wish to be supported. *Teaching Exceptional Children* 2009; 42:36-43.
19. Kluth P, Danagher S. *From tutor scripts to talking sticks: 100 ways to differentiate instruction in K-12 inclusive classrooms*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 2010.
20. Beukleman DR, Mirenda P. *Augmentative and Alternative Communication: Management of severe communication disorders in children and adults*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1998.
21. Mirenda P, Iacono T. *Autism Spectrum Disorders and AAC*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 2009.
22. Thousand SJ, Villa RA. Collaborative teams: A powerful tool in school restructuring. In: Villa RA, Thousand JS, Stainback S, Stainback W. *Restructuring for caring & effective education: An administrative guide to creating heterogeneous schools*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1992.
23. Jorgensen CM. Designing inclusive curricula right from the start: Practical strategies and examples for the high school classroom. In: Stainback S, Stainback W. *Inclusion: A guide for educators*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1996.
24. Sapon-Shevin M. Celebrating diversity, creating community: Curriculum that honors and builds community. In: Stainback S, Stainback W. *Inclusion: A guide for educators*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1996.
25. Peterson M. Community learning in inclusive schools. In: Stainback S, Stainback W. *Inclusion: A guide for educators*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1996.
26. Souto-Manning M. *Freire, teaching, and learning: Culture circles across contexts*. New York: Peter Lang; 2010.
27. Rothstein-Fisch C, Trumbull E. *Managing diverse classrooms: How to build on students' cultural strengths*. Alexandria: Association for Supervision and Curriculum Development; 2008.
28. Solomon D, Schaps E, Watson M, Battistich V. In: Villa RA, Thousand JS, Stainback W, Stainback S. *Restructuring for caring & effective education: An administrative guide to creating heterogeneous schools*. Baltimore: Paul Brookes Publishing; 1992.
29. Theoharis G. *The school leaders our children deserve: Seven keys to equity, social justice, and school reform*. New York: Teachers College Press; 2009.
30. Mitchell D. *What really works in special and inclusive education: Using evidence-based teaching strategies*. New York: Routledge; 2007.
31. Lovett H. *Learning to listen: Positive approaches and people with difficult behavior*. Boston: Paul Brooks Publishing; 1996.
32. Kohn A. *Beyond discipline: From compliance to community*. Alexandria: Association for Supervision and Curriculum Development; 1996.
33. Freire P. *Pedagogy of the oppressed*. São Paulo: Paz e Terra; 2005.
34. Taylor S. Before it had a name. In: Danforth S, Gabel S. *Vital questions facing disability studies in education*. New York: Peter Lang; 2008.

INVENTÁRIO PARA A SALA DE AULA INCLUSIVA

1. HABILIDADES DO ALUNO

Mantenha um perfil positivo

As habilidades, os pontos fortes, as inteligências, os interesses:

- 1)
- 2)
- 3)

As necessidades, as dificuldades e os problemas de comportamento:

- 1)
- 2)
- 3)

Planeje a lição com as habilidades do aluno em mente, para que possam ser suporte para o aprendizado e compensar as suas dificuldades.

2. ESPAÇO FÍSICO

Planeje o ambiente de sala de aula

O aluno faz parte da sala de aula, literalmente?

Desenhe sua sala de aula e a posição do seu aluno.

Leve em consideração: distração (visual; auditiva), proximidade da porta, distância do professor, proximidade de outros alunos para suporte, entre outros.

Inventário para fatores ambientais a serem planejados na sala de aula

(Traduzido e adaptado de Mace, 1997).

Assento planejado: que promove suporte do professor, interações com pares, atenção à instrução

Organização da sala: uso de grupos menores, uso de centros, rotação em assistência na mesa do professor ou assistente, suporte de diferentes níveis de necessidade física

Área, cadeira, cantinho calmo ou área para estimulação sensorial

Uso de tecnologia e materiais que oferecem suporte ao aprendizado

Organização

(Traduzido e adaptado de Villa, Thousand e Thousand, 2008).

Regras da sala de aula visíveis e determinadas com a participação dos alunos

Calendário (visual) postado para todos os alunos

Folha com informações importantes na mesa do aluno: linha de números, tabelas de equivalência, vocabulário, lembretes de comportamentos e lembretes pessoais

Verificar constantemente compreensão e revisão durante as lições

Fazer os alunos repetirem as orientações / instruções

Exigir que os pais reforcem as regras

Ensinar habilidades de estudo

Usar pastas para organizar materiais (conhecimentos, pré-requisitos, vocabulário, tabela de multiplicação)

Praticar o conteúdo em situações reais

Planejar para a generalização, ensinando a habilidade em diversos ambientes

3. NECESSIDADES SENSORIAIS

Necessidades sensoriais podem se manifestar em movimentos, barulhos, interrupções etc.

Tais comportamentos têm como função ajudar o aluno a:

Organizar-se

Manter o foco e a atenção

Relaxar e acalmar

Lidar com frustração

Regular suas necessidades corporais

Intervalos e movimento durante a aula podem satisfazer necessidades sensoriais dos alunos.

Abaixo se encontram nove rápidas ideias para serem utilizadas no dia a dia:

- Promova intervalos de cinco minutos para cada período de aula
- Peça aos alunos: "Levante, espreguice e diga algo que aprendeu para quem está sentado ao seu lado!"
- Quando fizer perguntas sobre a lição ensinada em sala de aula, diga: "Levante quando achar que a resposta é SIM; sente-se quando achar que a resposta é NÃO!"
- Elabore um trabalho coletivo de mural
- Faça os alunos trabalharem em pequenos grupos para diversas atividades
- Tenha uma "sacola de histórias" cheia de materiais que se relacionam ao conteúdo que está sendo ensinado para oferecer um recurso concreto ao aluno
- Faça uma "calculadora humana": escreva os números no chão e os alunos fazem os cálculos pisando nos números
- Tenha disponível uma caixa sensorial com diferentes itens que os alunos possam utilizar nos intervalos e incorporar durante a lição. Por exemplo: assento molinho, bolinhas e materiais de apertar, pesinhos e música para acalmar
- Audiolivros: tenha os livros em fita cassete ou num computador em que todos os alunos possam utilizar
- Andar e aprender: coloque informação no chão. Por exemplo, os passos podem servir para resolver uma equação; faça com que os alunos andem pela sala e escrevam os passos no papel para resolver a equação ou o problema.

4. ADAPTAÇÕES E MODIFICAÇÕES

O aluno estará pronto para aprender, se o material utilizado:

Enfatiza suas habilidades e pontos fortes

É desafiador e motivador
É adequado à sua idade cronológica e acessível para sua série escolar
É fisicamente adequado ao aluno, com linguagem e nível de comunicação igualmente adequados

Ideias gerais para a sala de aula:

Usar *timer* para o aluno saber quanto tempo falta para o término da atividade ou para o intervalo
Afixar na lousa a agenda do dia e/ou o calendário de atividades, para que o aluno antecipe seu dia e seja capaz de se organizar

Ritmo da instrução e atividade

Estender ou mesmo não utilizar um tempo fixo para desempenho de uma atividade
Variar atividade frequentemente
Permitir intervalos
Enviar cópia do material para casa para que o aluno possa consultá-lo previamente ou revisá-lo

Material

Limitar a quantidade de material em uma página
Gravar textos ou materiais de sala de aula
Usar guia de estudo e organizadores
Usar materiais suplementares: livros com conteúdo mais simples, revistas, filmes etc.
Copiar as anotações dos professores ou colegas
Escanear livros, atividades, anotações e provas no computador
Usar impressão em letras grandes, Braille, livro de comunicação, *software* ou tecnologia assistiva

Lição

Promover instruções em pequenos passos e com distintos estímulos (escrito, desenho e verbal)
Escrever no quadro as instruções dadas oralmente
Oferecer a lição em um *continuum* de níveis de dificuldade
Diminuir a quantidade de lição
Promover lição com código ou dicas (por exemplo, circule o problema que a criança deve fazer e sublinhe os que ela deve evitar)
Permitir que o aluno grave ou digite a lição e as respostas
Usar múltipla escolha ou verdadeiro / falso para respostas
Usar procedimentos compensatórios, promovendo lições alternativas
Ignorar erros de gramática, pontuação, caligrafia e organização

Desenvolver avaliação e pontuação alternativas

(Traduzido e adaptado de Villa, Thousand e Thousand, 2008).

5. COMPORTAMENTO

Problemas de comportamento comunicam alguma necessidade do aluno e normalmente funcionam para:

Escapar de ou evitar uma situação
Controlar a consequência da sua ação
Regular seu corpo ou sentimentos
Chamar atenção
Brincadeira e entretenimento
Outro (Não entende a matéria, está entediado...)

Como compreender os comportamentos dos alunos?

O que ele está tentando comunicar com o comportamento?
Ele se sente confortável, seguro, e sente que pertence à sala de aula?
O conteúdo é motivador, desafiador e interessante?
Como ajudá-lo a se conectar com outros alunos?
Como ele pode vivenciar prazer na escola e na sala de aula?
Ele está num ambiente que favorece a demonstração de suas habilidades e está sendo valorizado?

(Traduzido e adaptado de Causton-Theoharis, 2009).

Quando ocorre um comportamento não adequado, utilize análise funcional do comportamento para entendê-lo:

Antecedente:

O que estava acontecendo momentos antes?
Como a classe estava?
O que o aluno ouviu ou viu?
Ou o que sentiu?

Comportamento:

O que o aluno fez?
Qual foi a reação do aluno?

Consequência:

Como o professor respondeu?
Como os outros alunos responderam?